

**APROXIMAÇÕES DA ETNOGRAFIA, ETNOGRAFIA COLETIVA E O USO DE FOTOGRAFIAS AOS RETRATOS SOCIOLÓGICOS DE BERNARD LAHIRE: AMPLIANDO POSSIBILIDADES DE UM PESQUISAR DISPOSICIONALISTA EM ADMINISTRAÇÃO**

**APPROACHES OF ETHNOGRAPHY, COLLECTIVE ETHNOGRAPHY AND THE USE OF PHOTOGRAPHS TO BERNARD LAHIRE'S SOCIOLOGICAL PORTRAITS: EXPANDING POSSIBILITIES FOR DISPOSITIONALIST RESEARCH IN ADMINISTRATION**

Jhony Pereira Moraes<sup>1</sup>  
Lisiane Quadrado Closs<sup>2</sup>  
Silas Dias Mendes da Costa<sup>3</sup>  
Diogo Henrique Helal<sup>4</sup>  
Georgiana Luna Batinga<sup>5</sup>  
Renato da Costa dos Santos<sup>6</sup>

**RESUMO**

Este estudo teve como objetivo trazer aportes teórico-metodológicos da etnografia, etnografia coletiva e do uso de recursos audiovisuais (especialmente fotografias) para enriquecer a construção dos retratos sociológicos em Bernard Lahire. A proposta de aproximação teórica tem o potencial de propiciar o estudo do lugar de origem, em primeiro plano, na análise e composição dos retratos sociológicos; e potencializar a participação dos pesquisados na produção retratos. A aproximação com a etnografia coletiva deu-se por possibilitar i) o estudo das mobilidades no espaço urbano, referindo-se aos trânsitos dos jovens em diferentes campos de práticas; ii) o envolvimento dos pesquisados nas produções etnográficas, desde o trabalho no campo

---

<sup>1</sup>Doutor em Administração. Universidade do Contestado. Mafra. Santa Catarina. Brasil. E-mail: [Jhony.moraes@professor.unc.br](mailto:Jhony.moraes@professor.unc.br) . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1669-9181>

<sup>2</sup>Doutora em Administração. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul. Brasil. E-mail: [lisiane.closs@ufrgs.br](mailto:lisiane.closs@ufrgs.br) . ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1971-9341>

<sup>3</sup>Doutor em Administração. Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais. Brasil. E-mail: [silasdiasmendes@gmail.com](mailto:silasdiasmendes@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2251-1322>

<sup>4</sup>Doutor em Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais. Brasil. [diogo.helal@fundaj.gov.br](mailto:diogo.helal@fundaj.gov.br) . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1784-0941>

<sup>5</sup>Doutora em Administração. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Paraná. Brasil. E-mail: [georgiana.luna@gmail.com](mailto:georgiana.luna@gmail.com) . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1807-9824>

<sup>6</sup>Doutor em Administração. Universidade do Contestado. Mafra. Santa Catarina. Brasil. E-mail: [renato.santos@professor.unc.br](mailto:renato.santos@professor.unc.br) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2045-2851>

até a elaboração dos relatos; e iii) incluir o estudo da mobilidade e das espacialidades nos estudos disposicionalistas de Lahire. Quanto ao uso de recursos audiovisuais, eles tendem a ampliar a produção de dados no campo e trazer o olhar dos próprios investigados ao processo.

**Palavras-chave:** etnografia; etnografia coletiva; fotografias; retratos sociológicos.

### ABSTRACT

This study aimed to bring theoretical and methodological contributions from ethnography, collective ethnography and the use of audiovisual resources (especially photographs) to enrich the construction of sociological portraits in Bernard Lahire. The proposed theoretical approach has the potential to facilitate the study of the place of origin, in the foreground, in the analysis and composition of sociological portraits; and to enhance the participation of the researched in the production of portraits. The approach to collective ethnography was made possible by i) the study of mobility in urban space, referring to the transits of young people in different fields of practice; ii) the involvement of the researched in ethnographic productions, from work in the field to the elaboration of reports; and iii) to include the study of mobility and spatialities in Lahire's dispositionalist studies. As for the use of audiovisual resources, they tend to expand the production of data in the field and bring the perspective of the researched themselves to the process.

**Key words:** ethnography; collective ethnography; photographs; sociological portraits.

**Artigo recebido em:** 06/10/2024

**Artigo aprovado em:** 25/03/2025

**Artigo publicado em:** 25/04/2025

Doi: <https://doi.org/10.24302/prof.v12.5672>

## 1 INTRODUÇÃO

Este texto nasce a partir da ideia de um projeto de pesquisa voltado ao estudo sobre jovens dos meios populares<sup>7</sup> que cursam o ensino superior em Administração, buscando analisar seu patrimônio disposicional, seu lugar de origem<sup>8</sup> (o bairro, a rua, por exemplo) e os desdobramentos desses no ambiente educacional. A proposta metodológica deste estudo ancora-se em Bernard Lahire (1997; 2004) por meio do que ele denomina de retratos sociológicos, o resultado de um trabalho biográfico sobre diferentes dimensões da vida de um indivíduo, no qual busca-se capturar as disposições que ajudam a construí-lo socialmente através dos distintos espaços sociais (Lahire, 2004).

Inicialmente é relevante estabelecer o que se aspira ser etnografia, uma abordagem que reflete o esforço de um trabalho interpretativo a respeito da cultura de um determinado grupo social, de modo a ressaltar a sua singularidade (tal como o seu estilo de vida). Para tanto, o “ir a campo” é essencial e, junto a ele, o pesquisador deve estar preparado teoricamente, mas não deve deixar-se levar por preconceitos e precisa evitar um olhar etnocêntrico. A etnografia é a escrita sobre o trabalho realizado no campo e não o trabalho do pesquisador nesse último (Cavedon, 2005).

---

<sup>7</sup>Neste estudo entende-se os meios populares como: Meios populares é a expressão que define o grupo social historicamente denominado trabalhador, que no processo sócio-histórico de formação da sociedade fixou em um lugar características próprias de um viver e conviver, homogêneo e heterogêneo, constituído por objetividades e subjetividades impressas tanto pelo estrangeiro (o de fora) quanto pelos nativos desse lugar. Nota-se que não há uma discussão sobre o conceito de “meios populares” nas pesquisas desenvolvidas nas últimas décadas. Isso pode refletir a (des)construção da categoria de classe social e as representações dos grupos trabalhadores na estrutura social e econômica ao longo do tempo em pesquisas acadêmicas, bem como pode refletir uma introjeção passiva do que vem a ser o espaço considerado popular (Sader; Paoli, 1986).

<sup>8</sup>Apropria-se o conceito de Lugar sob a perspectiva da geografia, onde aquele é entendido como o vivido, o simbólico, o material e o imaterial, revelando modos de vida e de habitação, usos, consumo, cultura e processos de apropriação do espaço (são apropriações singulares, o que remontam a sentidos particulares aos indivíduos sobre o que se compreende por Lugar), apreendidos pelo corpo, pelos sentidos e pela memória (Callai, 2014; Carlos, 2007)

---

Durante décadas, a etnografia foi amplamente utilizada para aproximar-se de culturas de povos longínquos, chamadas, ainda que com reservas, de sociedades “simples”, “tribais” ou “primitivas”. No entanto, a riqueza de possibilidades a trouxe para “perto” e para “dentro” da vida dos antropólogos, passando a ser usada na proximidade do contexto urbano, reconhecida como etnografia urbana (Peirano, 1995; Magnani, 2002). Essa aproximação representou um grande desafio para a etnografia, que estabeleceu limites e se ajustou ao fazer etnográfico urbano. Magnani (2002) salienta que ao eleger como objeto de seu estudo as sociedades “complexas”, em oposição às “simples”, a etnografia urbana não deixa de ser etnografia, mas deve encarar um desafio: manter-se fiel a tradição teórica e metodológica da disciplina, ao mesmo tempo em que é impelida a trabalhar com outro tipo de recorte, com o desafio de reproduzir no contexto urbano, as características clássicas da pesquisa etnográfica. E, apesar de consagrada na Antropologia, a etnografia possui tamanha relevância e potencial contributivo, que sua utilização extrapola as fronteiras da disciplina e tem sido amplamente utilizada nas Ciências Sociais e na Administração.

Desse modo, na busca pela compreensão da expressão cultural de um grupo, o pesquisador etnógrafo é levado a um exercício de interiorização e exteriorização, seja no processo de aproximação e empatia com os pesquisados, seja no afastamento da realidade investigada, com o intuito de refletir sobre todo o material levantado em campo, em outras palavras, realiza-se um exercício dialógico entre experiências e interpretações (Cavedon, 2005). Mesmo que se desenvolva uma familiaridade com o campo (e com os pesquisados) no processo de conhecer o “outro”, há de se estranhar o familiar, a fim de descobrir-se o exótico daquela realidade.

Quanto à estada no campo de pesquisa, exige-se uma entrega por inteiro: é necessário viver a realidade do grupo investigado, saber ouvir, observar, sentir odores, degustar possíveis alimentos, entre outras experiências. Nesse sentido, a técnica de observação e os diários de campo – registro das notas do pesquisador – são fontes relevantes de armazenamento das memórias, impressões e vivências, e, de igual forma,

questionamentos às pessoas no campo são atividades rotineiras (Cavedon, 2005). No método etnográfico, eventos, acontecimentos, palavras, cheiros, sabores são materiais de análise e não apenas fontes para coleta de dados (Peirano, 2014). A empiria na qual a etnografia se estrutura ocorre pela textualidade, sendo que a sua qualidade deve obedecer, pelo menos a três condições: i) saber comunicar o contexto da situação; ii) saber transformar as vivências no campo em uma linguagem escrita coerente; e iii) saber identificar e analisar as dinâmicas sociais no campo (Peirano, 2014).

Nesse sentido, ancorado no conjunto de características e posicionamentos que definem o fazer etnográfico, acrescenta-se à discussão o conceito de retratos sociológicos enquanto um aparato teórico-metodológico biográfico, que o autor fundamenta em entrevistas em profundidade sobre as múltiplas dimensões da vida de uma pessoa: família, escola, trabalho, redes de sociabilidade, entre outras (Lahire, 1997; 2004). Essa perspectiva do autor surgiu a partir de um estudo realizado com crianças francesas com idade por volta de 8 anos - visando compreender as divergências e consonâncias entre estruturas familiares e espaço escolar nos meios populares e sua relação com o sucesso ou fracasso escolar em um contexto social e familiar - Lahire (1997) – realizou suas entrevistas na própria residência das crianças, em diferentes momentos, com o intuito de registrar as dinâmicas familiares, as materialidades e os significados daquele ambiente.

No entanto, a ideia de Lahire é ir além disso, pois apesar de entender que a casa é um dos espaços possíveis de análise, o lugar de origem (a rua, o bairro) também tende a atravessar a formação do arcabouço disposicional dos indivíduos, destacando a importância da análise da dimensão do espaço em seu estudo. O autor defende a premissa de que o lugar de origem é um dos elementos formadores do patrimônio disposicional, haja vista as possibilidades e limitações que este oferece, as múltiplas socializações que ocorrem em seu interior, bem como o trânsito disposicional possível com as práticas socializadoras externas, e, por isso, merece atenção analítica no fazer etnográfico. De igual forma, pressupõe-se que os trânsitos disposicionais no lugar de

origem são bilaterais e permeáveis, quer dizer, há trocas entre o interno e o externo (o dentro e o fora).

Defende-se, portanto, uma análise acurada do lugar, ressaltando como suas características se fazem presentes nas disposições dos jovens. Nesse sentido, a ênfase no lugar de origem exige repensar a construção dos retratos sociológicos. Dessa forma, reconhecendo a evidente contribuição do autor para etnografias conduzidas em meios populares, e na tentativa de ampliar sua perspectiva, esse artigo tem como objetivo propor uma aproximação da etnografia, etnografia coletiva e o uso de recursos audiovisuais (especialmente fotografias) na produção dos retratos sociológicos na perspectiva de Lahire, de modo a ampliar as possibilidades de um pesquisador disposicionalista em Administração. Defende-se a aproximação com a etnografia coletiva (Jirón; Imilan, 2016), pois entendemos que os participantes da pesquisa devem assumir o lugar de coprodutores das observações e registros, em situação de igualdade, atuantes na construção do processo etnográfico, tanto em campo, quanto na formulação dos relatos. E o emprego de recursos audiovisuais (principalmente fotografias) nos registros sobre o lugar de origem e nas mobilidades dos jovens pelo espaço urbano (considerando os fluxos internos e externos de trocas nos processos de socialização dos jovens em diferentes estruturas) ao longo da experiência etnográfica. Dessa forma, defendemos nesse ensaio, que a conjunção dessas perspectivas apresenta um enriquecimento teórico e metodológico pertinentes ao pesquisador em Lahire.

Nesse contexto é importante destacar que epistemologicamente, a etnografia mostra-se ampla e multidisciplinar na Antropologia moderna, enquanto um gênero de performance porque: i) possibilita pensar a constituição do campo antropológico [neste estudo converge-se à Administração]; ii) constitui-se como um processo epistemológico para além do binômio campo-texto; iii) detém um caráter de narrativa reflexiva (Rocha, 2006).

Apesar de teóricos como Marcel Mauss e Bronislaw Malinowski serem considerados expoentes no campo, tendo produzido “manuais” etnográficos clássicos

---

e que permanecem como referências até os dias atuais – respectivamente, Guia Prático de Antropologia (1874) e Manual de Etnografia (?); e Os Argonautas do Pacífico Ocidental (1913) – novas possibilidades teóricas e metodológicas podem ser entendidas como relevantes. Assim, etnografia e trabalho de campo são experiências epistemológicas e ontológicas, como destacam Merleau Ponty e Clifford (Rocha, 2006). A partir disso, a etnografia adquire um caráter experimental na Antropologia moderna, onde relativiza-se padrões e modelos teóricos e metodológicos e ultrapassa-se os limites do trabalho de campo quanto às relações entre sujeitos e objetos. Busca-se romper vínculos viciosos como sujeito-objeto e os olhares diretos e restritos a essa relação, pois é a etnografia autorreferencial – porque interrelaciona o “eu” e o “outro” (Rocha, 2006). O exposto também pode ser corroborado por meio da aproximação epistemológica com a Sociologia do Conhecimento (Mannheim, 1986):

Em nossos dias, já parece estar perfeitamente claro o fato que o antigo método de história intelectual, orientado para a concepção a priori de que as mudanças de ideias devessem ser entendidas ao nível das ideias (história intelectual imanente), bloqueava o reconhecimento do processo social na esfera intelectual [...] Conhece-se o mundo através de muitas orientações diferentes, porque existem muitas tendências de pensamento simultânea e mutuamente contraditórias [...] Não se há de encontrar, portanto, a chave deste conflito no ‘objeto em si mesmo’ [...] mas nas várias e diversas expectativas, propósitos e impulsos que nascem da experiência (Mannheim, 1986, p. 289-291).

Diferentemente do pensamento cartesiano, que defende a dualidade sujeito-objeto, a Sociologia do Conhecimento externaliza essa relação e coloca nos fatores extrateóricos ou existenciais, a explicação do conhecimento (os fatores teóricos ocorrem exclusivamente entre sujeito e objeto; muitas vezes não explicam a realidade por atuarem em seus limites). Ao romper com tal dualidade, Mannheim (1986) passa a considerar a perspectiva (ou visão de mundo) do observador e, portanto, a sua visão parcial sobre as coisas, e defende que a posição social do observador afeta o seu modo

de ver. Para o autor há uma fragmentação da sociedade, da qual surgem modos de pensamento submersos no contexto sócio-histórico do observador (Mannheim, 1986).

Nesse ponto, esse ensaio está estruturado com as seguintes partes, além dessa introdução, uma discussão acerca do método etnográfico, da etnografia em Bernard Lahire, posteriormente e a etnografia coletiva; seguida de uma proposta de aproximação entre a etnografia em Lahire, a etnografia coletiva e a fotografia. Por fim, passa-se às considerações finais.

## 2 OS RETRATOS SOCIOLOGICOS DE BERNARD LAHIRE

Antes de abordar-se os retratos sociológicos em Bernard Lahire é importante retomar brevemente o aporte sociológico do autor. Perseguindo a escala individual e embasado na teoria do habitus de Pierre Bourdieu, Lahire acredita que as pessoas possuem um habitus heterogêneo, mesmo que compartilhem de um contexto sociocultural semelhante (Lahire, 2002; 2005). Portanto, para o autor, o habitus não é um conceito homogêneo e homogeneizante das práticas sociais. O interior das classes é heterogêneo e desvela modos de vida diferentes, por exemplo. O contrário apenas seria possível em sociedades onde as socializações tendem a ser mais estáveis e homogêneas.

Com isso, Lahire (2002; 2004; 2005) defende que os indivíduos são plurais ao compartilharem de mundos sociais diversos, nos quais as socializações são diversificadas e, por vezes, contraditórias. Nesse sentido, eles possuem disposições, isto é, inclinações de ser, crer e agir plurais nos múltiplos contextos de suas vidas (família, escola, trabalho, entre outros). Tais disposições surgem em decorrência de socializações passadas e vigentes, podendo ser acionadas ou inibidas em um mesmo contexto de práticas (em uma mesma situação) ou em contextos distintos (Lahire, 2005). As disposições possuem graus de fixação e isso significa que, quanto mais precoces elas são, maior é a probabilidade de que tenham maior regularidade e

intensidade nas socializações em que foram incorporadas e, portanto, mais fortes sejam.

O trabalho etnográfico de Bernard Lahire parte da tentativa de capturar a pluralidade dos atores nas distintas situações ou contextos de suas práticas (Lahire, 2002; 2004; 2005). Para isso, Lahire propõe o que chama de “retratos sociológicos”, que são dispositivos teórico-metodológicos constituídos por entrevistas biográficas semidiretivas (o autor sugere a condução de pelo menos seis entrevistas em profundidade), que analisam os diferentes âmbitos da vida de uma pessoa (família, escola, trabalho, amigos, lazeres e atividades culturais, alimentação, esporte, saúde, vestimenta, etc.), observando como as disposições formam-se, são incorporadas, transitam e são acionadas (ou não) nos múltiplos espaços de socialização (Lopes, 2012).

A elaboração dos retratos sociológicos preocupa-se não apenas com o percurso, mas com a reflexão do entrevistado sobre sua trajetória de uma forma multifacetada, como exposto anteriormente. A partir disso, os entrevistados conseguem transitar pelos contextos de socialização vivenciados, bem como podem expressar continuidades, rupturas, transferências e especificidades naquelas esferas socializadoras, de tal forma que podem desenvolver modos de relação consigo e com os contextos pelos quais movem-se.

### **3 O MÉTODO ETNOGRÁFICO**

A etnografia enquanto método tornou-se expressiva no final do século XIX e início do século XX. É característico ao método etnográfico a compreensão de uma determinada cultura a partir dos significados desvelados por seus próprios nativos (Flores-Pereira; Cavedon, 2009). O método etnográfico tem suas raízes na Antropologia Social e busca compreender os significados compartilhados em determinado grupo social. Para tanto, propõe a imersão no cotidiano de uma cultura, procedendo à coleta de dados e ao entendimento de sua estrutura lógica para a

posterior descrição dos eventos e dos aspectos socioculturais que os constituem (Poubel; Margon; Júlio, 2018).

Conforme Cao (1997), a etnografia, etimologicamente, traduz-se como o estudo das etnias e representa as análises acerca dos modos de vida de uma raça ou grupo social, por meio de observações e descrições do que aqueles indivíduos fazem, de como comportam-se e interagem entre si. Ademais, a etnografia possibilita a descoberta de suas crenças, motivações, valores e perspectivas; permite aprender sua língua e costumes; e instiga o etnógrafo a uma maior permanência na realidade investigada, a fim de aprofundar seus conhecimentos.

Jirón e Imilan (2016) destacam que a etnografia é marcada por um caráter investigativo individual - em que a experiência do pesquisador é central para o processo de construção do conhecimento - porque cabe a ele lidar com as contingências e com a produção das dinâmicas cotidianas dos lugares e/ou grupos investigados. Ademais, a flexibilidade do método etnográfico possibilita múltiplas descrições e análises (Jirón; Imilan, 2016).

Os registros etnográficos, por sua vez, são resultantes de um conjunto de atividades realizadas no campo de pesquisa, sendo que a profundidade dos registros é atravessada pela capacidade de observar, escutar e conhecer as formas de vida alheia, de modo que permita conhecer o ponto de vista dos nativos. Não há um manual ou um único modo para o fazer etnográfico, são as estratégias adotadas, as intuições, os vínculos de confiança entre pesquisador e pesquisado, o “ver com os olhos do outro”, o “sentir como o outro” que darão o suporte para o trabalho etnográfico do pesquisador (Jirón; Imilan, 2016).

A elaboração de uma etnografia deve seguir algumas diretrizes que guiarão a construção dos relatos: i) as informações registradas em campo devem compor a estrutura dos relatos, tais como os elementos biográficos e residenciais. Os relatos devem equilibrar as experiências do pesquisador e os eventos de maior intensidade no campo. ii) A descrição de itinerários, dimensões de corpo, materialidade, espaço e

significados na narração dos relatos deve ser cuidadosa, sendo oportuna a captação de imagens como registro idôneo de informações difíceis de descrição. iii) A captura da experiência em campo transcende as capacidades textuais, logo, se investe em recursos fotográficos, audiovisuais e sonoros, pois são entendidos como complementares e amplificadores às descrições das espacialidades e experiências no campo realizadas por pesquisados e pesquisador (Jirón; Imilan, 2016).

Para Magnani (2009), o fazer etnográfico é permeado, em um primeiro momento, por um estranhamento ou exterioridade do pesquisador em relação ao seu objeto de análise. Esses são provocados pelo trânsito entre culturas (a do pesquisador e a do objeto) e os esquemas conceituais que se evidenciam ao longo da sua trajetória no campo. Como resultado, além de capturar os significados dos nativos e posteriormente descrevê-los à sua maneira, o pesquisador é capaz de apreender as lógicas dos nativos e incorporá-las em sua estrutura intelectual e em seu sistema de valores e de percepções.

A etnografia, enquanto metodologia, faz uso, dentre outras, da técnica de observação participante, onde o observador integra-se aos processos sociais do campo para a obtenção das informações com seus interlocutores, a fim de compreender as suas estruturas de significados (Cabrera; Cardona, 2014). Etnografar configura-se como um esforço de interpretação parcial sobre o outro (Poubel; Margon; Júlio, 2018), pois o pesquisador não se torna um nativo do lugar, apesar do exercício de familiaridade para o entendimento da realidade que analisa. Em contrapartida, o método requer o estranhamento do familiar a fim de descobrir o exótico, por isso a necessidade de um processo constante de aproximação e afastamento do pesquisador.

A adoção da técnica de observação participante no fazer etnográfico propicia ao pesquisador olhares cautelosos na interação com o contexto investigado. Assim salienta-se que o pesquisador é atingido pelas experiências no curso de suas observações e, nesse sentido, quando em fase de análise e interpretação dos dados suscitados no campo, seus sentimentos fazem-se presentes na escrita do texto. Por isso,

ele deve atentar-se à produção do conhecimento sobre o campo e à forma como se expressa na escrita dos seus relatos (Poubel; Margon; Júlio, 2018). No processo etnográfico, portanto, o pesquisador tem de estar sensibilizado a três aspectos: aos registros escritos; às informações obtidas pelas observações; e aos depoimentos dos nativos (Flores-Pereira; Cavedon, 2009).

Segundo Poubel, Margon e Júlio (2018) a etnografia é, sobretudo, uma forma de escrita sobre o trabalho realizado em determinado campo. O pesquisador converte um acontecimento passado em uma narrativa atual no texto construído, que deve marcar a presença do pesquisador e dos outros atores em igual peso, evidenciando os sentimentos e as expressões dos grupos e do pesquisador, bem como desvelando a bilateralidade dos pontos de vista na interpretação das lógicas dos grupos sociais investigados.

Nesse sentido, os diários de campo são peças-chaves para o registro dos acontecimentos no lócus de pesquisa, tais como sentimentos, expressões dos grupos e a descrição da realidade investigada. Ademais, os diários de campo possibilitam perceber o processo de aculturação do pesquisador no campo (Poubel; Margon; Júlio, 2018). Flores-Pereira e Cavedon (2009) salientam que a interação etnógrafo-informantes perpassa diferentes fases, ora com mais empatia, ora com reservas e desconfiança. Outro aspecto importante do fazer etnográfico é a participação do pesquisador nos ritos de passagem do grupo social analisado, os quais as autoras ressaltam como relevantes no estabelecimento dos relacionamentos no campo.

#### **4 A ETNOGRAFIA COLETIVA**

Com o intuito de compreender a mobilidade urbana na cidade de Santiago (Chile), Jirón e Imilan (2016) exploraram a etnografia como uma prática coletiva. A etnografia coletiva é resultante das imbricações entre as estratégias de campo, de análise e as características das práticas analisadas individualmente e depois

coletivamente (em um grupo de pesquisadores etnógrafos engajados no trabalho etnográfico em curso). O uso da etnografia para o estudo da mobilidade urbana é justificado pela percepção de que os métodos tradicionais de pesquisa sobre o fenômeno (tais como os estudos de transporte origem-destino) mostram-se insuficientes em relação à complexidade das experiências de mobilidade. Aqui, a exploração da etnografia coletiva nesse campo visa ampliar as possibilidades metodológicas de investigação qualitativa nos estudos urbanos (Jirón; Imilan, 2016).

Por meio da etnografia coletiva é possível capturar os significados dos modos de habitar (compostos por práticas localizadas e fixas no espaço), as espacialidades produzidas, as relações geradas pelos corpos e as materialidades. Ainda, ao etnografar as práticas de mobilidade urbana, iluminam-se as diferentes escalas de mobilidade (da rua à cidade, por exemplo), transversais (as escalas interseccionam-se; apesar de fluidas, são mais instáveis), mas com práticas cotidianas internas (uma dinâmica própria no interior das escalas de mobilidade) (Jirón; Imilan, 2016). A pretensão com o uso da etnografia coletiva é a de compreender a espacialidade das práticas cotidianas produzidas nas mobilidades, gerando conhecimentos para além da esfera do bairro e das práticas locais.

A prática da etnografia coletiva, como o próprio nome aponta, é um esforço conjunto, dado a multiplicidade de movimentos e, sobretudo, porque esse fazer etnográfico é um produto de uma reflexão coletiva. Assim, nessa prática verifica-se maior intensidade das observações (pois são corroboradas por registros de imagem e áudio) e uma possível redução na extensão do trabalho de campo (relativo ao trabalho etnográfico individual). Por outro lado, nota-se uma abundância de dados, visto que são práticas etnográficas compartilhadas em todas as suas dimensões: tarefas, informações, experiências, estratégias, registros e representações (incluindo reflexões, análises e descrições dos eventos compartilhadas entre todos os envolvidos na etnografia) (Jirón; Imilan, 2016).

Etnografar coletivamente a mobilidade urbana pressupõe uma aproximação do próprio fenômeno da mobilidade: as interações no espaço-tempo. Desse modo, os desdobramentos reflexivo-analíticos dessas interações podem ocorrer antes, durante e depois da prática etnográfica. Os mesmos são acionados nas relações entre corpo (gestos, emoções, sentidos, roupa), espacialidade (entorno, equipamentos, natureza, estruturas), outras pessoas, significados e estratégias de deslocamento (individuais, coletivos, curto ou longo prazos) (Jirón; Imilan, 2016). Para tais registros etnográficos, cada vez mais se empregam artefatos como câmeras fotográficas, gravadores e celulares para a captura dos movimentos e das situações, sendo complementados com entrevistas, mapas mentais, grupos focais e cadernos de campo (Jirón; Imilan, 2016).

Flores-Pereira e Cavedon (2009) sinalizam que filmadoras, gravadores e câmeras fotográficas corroboram os múltiplos registros em campo (falas, imagens, rituais, situações). Contudo, é preciso lembrar que tais registros também são imersos em subjetividade, visto que ao se decidir o que registrar está se realizando um recorte da realidade, emoldurando uma dentre inúmeras possibilidades. Além disso salienta-se que os próprios informantes podem autorizar (ou não) os registros.

## **5 ANTROPOLOGIA VISUAL E A FOTOGRAFIA NAS PESQUISAS ETNOGRÁFICAS**

Para Portillo (2007), recursos como fotos e vídeos são narrações de si mesmo e são complementos aos relatos de pesquisas. A antropologia visual, também chamada de antropologia audiovisual ou da imagem, tem se tornado um importante instrumento em pesquisas de culturas de diferentes grupos sociais contemporâneos (Rocha; Eckert, 2007). Rompendo as fronteiras do espaço acadêmico, a antropologia visual junto à etnografia tem um potencial de expandir a escrita etnográfica, visto que faz uso de recursos multimídia, tecnologias digitais e eletrônicas. Nesse âmbito, Rocha e Eckert (2007) reforçam que estudos antropológicos contemporâneos não devem

prescindir da hipertextualidade, pois é relevante para a memória da voz, dos gestos e dos rituais.

Rocha e Eckert (2016) falam de uma etnografia hipertextual que contribui à interpretação etnográfica sobre os fenômenos, armazenando as memórias de grupos e/ou indivíduos, bem como as do próprio pesquisador, além de proporcionar a análise de distintos tempos-espacos. Sob essa perspectiva, a construção de conhecimento é múltipla e dinâmica, verificada a diversificação de formas de criação de memórias, bem como de captura de interações, de patrimônios culturais (pessoas, lugares, ruas, edificações etc.) e de espaços-tempos. Dessa forma, o dinamismo ocorre até mesmo na produção dos relatos etnográficos: a partir da “galeria” de memórias geradas pelos recursos multimídia, a linearidade textual é desestabilizada, pois é necessário o jogo entre memórias e escrita etnográfica clássica, ou seja, entre o tempo vivido (o mosaico de recordações) e o tempo pensado (sequência dos relatos – início-meio-fim). Exigem-se, então, conexões intra e intertextuais.

No tocante à fotografia – recurso que ocupa a centralidade de interesse neste estudo - Cavedon (2005) expressa que representa a evidência de que se esteve no campo, o real no passado, não se tratando de uma imaginação, reconstituição ou lembrança. Além disso, a fotografia remete a múltiplas leituras, interpretações e significados de um tempo-espaco; desvela valores e subjetividades específicas, ressaltando sua face conotativa. Em contrapartida, a fotografia também possui um lado denotativo, isto é, uma analogia ao real. A imagem é, possivelmente, um discurso próprio que permite discursos diversos sobre e através dela.

De acordo com Cavedon (2005), a fotografia captura o olhar (construído socialmente e pela conjuntura) sobre o objeto e não o objeto em si (ao invés de esse último), portanto, os sentidos que são incorporados pelo observador a partir do objeto. Apesar de ser uma construção social, a imagem sintetiza a interpretação do sujeito sobre o contexto sociocultural. A fotografia é artística, textual e um registro documental. Sua dimensão simbólica faz a conexão entre o espectador e a realidade,

uma vez que manifesta sua cultura, seu saber, suas crenças, seus modelos e suas classes sociais. Com isso, a fotografia é tanto objetiva quanto subjetiva, isto é, simultaneamente uma exposição do real e de formas particulares do observar (Cavedon, 2005).

Para Sales e Sá (2018) a fotografia pode ser considerada como um dado antropológico, um texto narrativo passível de confrontação e de interpretação em conjunto com outras técnicas (como observação direta, entrevistas, vídeos, desenhos, cartas, documentações). Além disso, o uso de fotografias implica nas mesmas dificuldades de uma prática etnográfica clássica, entretanto, seu potencial está na elucidação de lacunas que as técnicas tradicionais não dão conta. Uma vantagem interessante das fotografias no fazer etnográfico é a sua capacidade de estimular a expressividade do pesquisado, pois é uma técnica projetiva em que há um autoreconhecimento do entrevistado com a imagem. A fotografia pode ser tanto um ponto de partida quanto um resultado de uma reflexão, mas nunca essa última em si. Ideias e conceitos são atividades analíticas do pesquisador sobre a imagem (Sales; Sá, 2018).

## 5.1 OS RETRATOS SOCIOLÓGICOS, A ETNOGRAFIA COLETIVA E O USO DE FOTOGRAFIAS NO PESQUISAR DE LAHIRE: TECENDO APROXIMAÇÕES

As incursões metodológicas que serão aqui exploradas relacionam-se ao objetivo desse estudo, introduzido anteriormente. Um primeiro ponto que se assinala, nesse sentido, é que envolve a pesquisa com jovens, em que se prevê uma conduta delicada de engajamento e proximidade. Um segundo aspecto a ressaltar é que aborda, especificamente juventudes dos meios populares, ou seja, lugares estigmatizados, mas de um grande valor simbólico e pessoal aos seus residentes e com modos de vidas singulares (Andrade; Meyer, 2014; Castro; Abramovay, 2015; Doutor, 2016; Bonaldi, 2017; Gadea *et al.*, 2017; Savegnago, 2019). O terceiro e último ponto a frisar é o

interesse em elevar ao primeiro plano a análise do lugar de origem, baseando-se o estudo etnográfico em Lahire. Considerando os três aspectos anteriores, esse estudo propõe a ampliação de aparatos teóricos e metodológicos para o estudo de mobilidades urbanas em trabalhos etnográficos fundamentados em Bernard Lahire.

Considerando os aspectos destacados anteriormente, propõe-se, ao invés de um olhar unilateral sobre a biografia do pesquisado (jovem) – mesmo que se considere todo o processo de reflexividade dele no processo – que os materiais ou dados coletados tenham como fonte as próprias percepções sobre o dentro e o fora do lugar de origem dos jovens. A concepção é de que o jovem seja, ao mesmo tempo e em parte, o produto e o produtor das observações etnográficas buscando ir além de uma aproximação ou engajamento, dando voz a ele. Nesse sentido, propõe-se aos jovens uma experimentação do fazer etnográfico, sobretudo uma possibilidade maior de reflexividade sobre a sua biografia.

Além disso, a aproximação dos pesquisados ao fazer etnográfico vai ao encontro das possibilidades geradas pela etnografia coletiva: a maior produção de dados e a melhor abrangência das mobilidades, algo que seria complexo de realizar por um pesquisador somente; o compartilhamento dos achados, das reflexões, das análises e da escrita dos relatos. Nesse caso, diferentemente da etnografia coletiva, em que há um grupo de pesquisadores, a proposta é de uma adaptação metodológica para que os próprios atores envolvidos na etnografia sejam também pesquisadores no processo. Conforme Magnani (2009), o envolvimento dos participantes no fazer etnográfico representa um olhar de perto e de dentro, uma vez que, ao passo em que são estudados, eles próprios evidenciam as espacialidades de suas práticas cotidianas de mobilidade – transcendendo a ideia de cenário e constituindo um recorte de análise.

Em termos pragmáticos, propor-se-á aos participantes diferentes formas de registro de seus trânsitos pelos diferentes espaços de socialização no espaço urbano: fotografias, vídeos, diários de campo, gravações de áudio, dentre outras possibilidades. Mesmo que se enfatize as fotografias, os demais recursos são

importantes por carregarem uma dinamicidade em si, como sons e ações (gravadores e vídeos) e registros textuais (diários de campo), não estando exclusivamente dependentes da leitura das fotografias (estáticas em seu sentido objetivo, mas subjetivas e particularizadas quanto ao acionamento das memórias). Certamente, nem todos os recursos serão utilizados, assim como nem todos os participantes terão interesse em participar desse fazer etnográfico. Contudo, mesmo que envolvendo poucos participantes, sua produção possibilitará trazer a riqueza do olhar dos próprios jovens para o estudo, pois configura-se como uma modalidade de investigação em que se observa as práticas cotidianas na rotina dos participantes (Jirón; Imilan, 2016).

Registros visuais e sonoros permitem observar culturas em um sentido lato, por mais que a subjetividade esteja presente nos recortes do pesquisador (Flores-Pereira; Cavedon, 2009). Nesse âmbito, a antropologia audiovisual agrega à formação do conhecimento devido à sua capacidade de apreensão não apenas de representações, mas da pluralidade dos fenômenos sociais, por meio dos saberes produzidos nas interpretações daqueles eventos (Rocha; Eckert, 2016).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo trazer aportes teóricos e metodológicos da etnografia coletiva e o uso de fotografias (e também de outros recursos audiovisuais) para enriquecer o fazer etnográfico em Bernard Lahire. A aproximação com a etnografia coletiva deu-se por possibilitar contribuir com as seguintes questões: i) o estudo das mobilidades no espaço urbano, referindo-se aos trânsitos dos jovens em diferentes campos de práticas (locais, espaços); ii) o envolvimento dos pesquisados nas produções etnográficas, desde o trabalho no campo até a elaboração dos relatos; e iii) incluir o estudo da mobilidade e, portanto, das espacialidades nos estudos etnográficos de Lahire.

Quanto ao uso de fotografias (essencialmente, mas não desconsiderando o uso de vídeos, áudios e diários de campo), o intuito é o de ampliar a produção de dados e, sobretudo, trazer o olhar dos próprios investigados ao processo. As imagens podem potencializar as memórias, reviver e atualizar os momentos passados. Indo além, são recursos estratégicos capazes de emoldurar as percepções e espacialidades (materialidade, símbolos) dos indivíduos etnografados em suas mobilidades no meio urbano (locais de transitoriedade – escola, trabalho, bairro, ruas da cidade, trajetos). Além disso sugere-se que trazer fotografias à pesquisa pode ser uma forma instigante de envolvimento dos jovens etnografados.

Assim, o presente estudo propôs uma ampliação de perspectivas ao fazer etnográfico na tradição sociológica de Bernard Lahire, possibilitando: i) estudar diretamente o lugar de origem (os meios populares) na análise e composição dos retratos sociológicos; e ii) potencializar a participação dos pesquisados na produção das etnografias, tornando-os sujeitos ativos na geração de dados e em suas próprias biografias.

O estudo mostra-se ainda incipiente, pois retrata aproximações teóricas que necessitam de empiria, se considerar o fundamento empírico da etnografia. Por outro lado, é oportuno por visar uma etnografia de jovens dos meios populares que envolva a própria análise do seu lugar de origem, não apenas tendo-o como cenário para a análise das famílias e seus patrimônios disposicionais como em pesquisas de Lahire (1997; 2004). Por isso, como um primeiro esforço teórico, este estudo pretende suscitar novas discussões que venham a ser aprofundadas posteriormente.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, S. S.; MEYER, D. E. Juventudes, moratória social e gênero: flutuações identitárias e (m) histórias narradas. **Educar em Revista**, n. SPE-1, p. 85-99, 2014.

BONALDI, E. V. Tentando “chegar lá”: as experiências de jovens em um cursinho popular. **Tempo Social**, v. 30, n. 1, p. 259-282, 2018.

CABRERA, T. M.; CARDONA, J. J. C. La Etnografía: una posibilidad metodológica para la investigación en cibercultura. **Encuentros**, v. 12, n. 2, p. 93-103, 2014.

CAO, N. N. Etnografía: una alternativa más en la investigación pedagógica. **Educación médica superior**, v. 11, n. 2, p. 107-115, 1997.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CASTRO, M. G.; ABRAMORAY, M. **Ser jovem hoje, no Brasil**: desafios e possibilidades. Programa de prevenção à violência nas escolas. FLACSO BRASIL-Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, 2015.

CAVEDON, N. R. Fotoetnografia: a união da fotografia com a etnografia no descortinamento dos não ditos organizacionais. **Organizações & Sociedade**, v. 12, n. 35, p. 13-27, 2005. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/s1984-92302005000400001>.

DOUTOR, C. Una mirada sociológica sobre los conceptos de juventud y prácticas culturales: perspectivas y reflexiones. **Ultima década**, v. 24, n. 45, p. 159-174, 2016.

FLORES-PEREIRA, M. T.; CAVEDON, N. R. Os bastidores de um estudo etnográfico: trilhando os caminhos teórico-empíricos para desvendar as culturas organizacionais de uma livraria de shopping center. **Cadernos Ebape**. BR, v. 7, n. 1, p. 152-168, 2009.

GADEA, C. A. *et al.* Trajetórias de jovens em situação de vulnerabilidade social: sobre a realidade juvenil, violência intersubjetiva e políticas para jovens em Porto Alegre-RS. **Sociologias**, v. 19, n. 45, p. 258-299, 2017.

JIRÓN, P.; IMILAN, W. Observando juntos en movimiento: posibilidades, desafíos o encrucijadas de una etnografía colectiva. **Alteridades**, v. 26, n. 52, p. 51-64, 2016.

LAHIRE, B. **Retratos sociológicos**: disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LAHIRE, B. **Homem plural**: os determinantes da ação. Petrópolis: Vozes, 2002.

LAHIRE, B. Patrimónios individuais de disposições: para uma sociologia à escala individual. **Sociologia, problemas e práticas**, n. 49, p. 11-42, 2005

LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares**: as razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.

LOPES, J. T. Subjetividade plural no mundo contemporâneo. **Revista Cronos**, v. 13, n. 1, p. 81-88, 2012.

MANNHEIM, K. Sociologia do conhecimento. In: MANNHEIM, K. **Ideologia e utopia**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

MAGNANI, J. G. C. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes antropológicos**, v. 15, n. 32, p. 129-156, 2009.

MESQUITA, R. F. *et al.* Do espaço ao ciberespaço: sobre etnografia e netnografia. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 23, n. 2, p. 134-153, 2018.

PEIRANO, M. Etnografia não é método. **Horizontes antropológicos**, n. 42, p. 377-391, 2014.

PORTILLO, J. Convivir para contar: la mirada etnográfica. **Educere**, v. 11, n. 37, p. 217-221, 2007.

POUBEL, L.; MARGON, J.; JÚLIO, A. C. Contribuições do fazer etnográfico para a pesquisa criticamente reflexiva. **Farol-Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 5, n. 12, p. 348-393, 2018.

ROCHA, G. A etnografia como categoria de pensamento na antropologia moderna. **Cadernos de Campo** (São Paulo 1991), v. 15, n. 14-15, p. 99-114, 2006.

ROCHA, A. L. C.; ECKERT, C. Antropologia em outras linguagens: considerações para uma etnografia hipertextual. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 31, n. 90, p. 71-84, 2016.

SADER, E.; PAOLI, M. C. Sobre “classes populares” no pensamento sociológico brasileiro. In: CARDOSO, R. (org.). **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p. 39-67.

SALES, B. A. G.; SÁ, S. M. A. Imagens artesanais e percepções ambientais Etnografia com jovens escolares em uma região do entorno do Parque Estadual do Utinga (Pará, Brasil). **Cuadernos de Antropología Social**, n. 47, p. 123-141, 2018.

SAVEGNAGO, S. D. O. Prácticas discursivas y sociales relativas a los jóvenes ya la juventud. **Ultima década**, v. 27, n. 51, p. 192-224, 2019.